

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

O Parlamento

E' hoje o dia fixado para a abertura solemne do parlamento português. Lá se vam repetir mais uma vez as scenas costumadas em semelhante solemnia.

Se o systema representativo fosse na prática o que é na theoria, o dia da abertura do parlamento devia ser em verdade e na consciéncia dos cidadãos — que não simplesmente na ordenação official — um dia de grande gala.

Que desaffôgo para os opprimidos, que esperanza para todos os patriotas não devia ser o advento da sessão parlamentar, em que o povo, por intermédio de homens da sua confiança, escolhidos pelos seus méritos e de accôrdo com os interesses que eram chamados a advogar, pudesse apresentar as suas legítimas reclamações, pedir sanção efficaz para os seus males e obter o possivel fomento para um razoavel bem-estar e progresso!

Mas todos sabem, por uma eloquente e dolorosa experiência, que o parlamento é precisamente o contrario do que devia ser; é um verdadeiro lôgro das esperanças que tanta desordem causaram e tanto sangue fizeram derramar.

Por isso é que, hoje em dia, se aguarda a abertura do parlamento como a dum espectáculo, que ha de fazer engordar o noticiário dos periódicos, dando mais largo pasto á doéncia curiosidade nacional.

Com a vinda duma sessão legislativa devia prender-se a expectação do remédio para os males públicos e do justo engrandecimento da pátria; as previsões dos eleitores deviam recair nas possiveis e mais ou menos calculadas gentilezas patrióticas dos seus representantes. Mas não: o que sempre se espera, sam novos êrros, novos desmandos, novos esbanjamentos; o sobre que versam as previsões públicas, sam os escândalos de toda a espécie, que mais uma vez irám deshonrar as assembleias nacionaes.

Ora, se isto é costume já velho entre nós, parece-nos que nunca, até hoje, se receou sessão parlamentar mais inutil e mais escandalosa, do que aquella que hoje é solemneamente iniciada.

«Até hoje» dizemos: porque, segundo a lei da decadéncia parlamentar, já firmada por nunca desmentido uso de tantos annos, não pôde haver dúvida de que o parlamento ha de continuar a afundar-se no abysmo do descrédito e da corrupção.

E a nação? — A nação continúa a suspirar pela volta das sessões parlamentares para ajuntar mais uma distracção ás continuas friolidades em que vegeta. Consta de boa mente que os actores que figuram no espectáculo continuam a chamar-se mentirosoamente seus representantes, para ter o gôsto de os desfructar.

Perdão: «mentirosoamente» não é bem dito. Para uma nação que

deseja parlamentares que a divirtam, embora á custa dos seus mais caros interesses, e que só os não tem doutra natureza porque os não quer eleger; para uma nação assim, os mais lidimos representantes sam os que, com sua perfeita acquiescência, os governos lhe costumam nomiar.

L. F.

Sciência Theológica

Missas por vivos ou por defuntos?

3.ª Parte. Quanto ás almas dos mortos, não ha dúvida de que, em egualdade de todas as circunstancias, lhes aproveita mais a Missa de *Requiem* do que outra. Mas em que sentido? «Da parte do Sacrificio» diz S. Thomás «é igual o proveito para o defunto, qualquer que seja a Missa... Mas, da parte das orações, mais aproveita aquella em que as orações sam para isso determinadas» (*Suppl.*, quaest. 71, art. 9). Portanto a vantagem da Missa de *Requiem* é meramente accidental, isto é, não está no Sacrificio, que é o principal e sempre o mesmo. E assim, ainda que por um defunto se celebre outra Missa, que não seja a de *Requiem*, mui bem se pôde supprir a vantagem accidental desta — continúa S. Thomás — «pela maior devoção de quem celebra a Missa ou de quem a manda celebrar, ou ainda por intercessão do Santo, cujo suffrágio se implora na Missa» e tambem, quando o rito não permite a Missa de *Requiem*, pela obediência devida ás ordenações da Igreja.

Ora, se isto assim é a respeito dos defuntos, quanto mais o não deve ser relativamente aos vivos? Pois as orações das Missas de *Requiem*, única vantagem, como acabamos de ver, que estas Missas têm a respeito das outras, não só ficam deslocadas, se se applicarem a um vivo, senão que muitas dellas se tornam abertamente mentirosas, suppondo-o já morto. Portanto a celebração de Missas de *Requiem* por pessoas vivas é uma arbitrariedade injustificavel, contrária á letra da própria Missa e á prática da Igreja, sem que aliás de nenhum modo se augmente o fructo satisfatório. Por conseguinte semelhante celebração não é licita, não pôde fazer-se sem peccado.

Parece-nos naturalissimo que algum sacerdote, dos que porventura nos lêem, ponha embargos a esta doutrina, allegando uma passagem dum moralista (aliás bom), que muitas gerações de sacerdotes do arcebispado de Braga têm lido e estudado.

E' certo que Del Vecchio (*Theol. Moral.*, t. II, *Tract.* IX, *Disp.* IV, n. 581) diz: «A Missa de *Requiem*, nos dias permitidos, pôde celebrar-se e applicar-se por um vivo, com tanto que aquella que deu a esmola não tenha declarado expressamente o contrario: segundo

a Sagr. Congr. dos Ritos, Nov. 1859.»

Mas não é verdade que a Sagrada Congregação dos Ritos emittisse semelhante doutrina, no sentido illimitado que estas palavras offerecem. Para bem se entender o valor de tal decreto, deve attender-se ás circunstancias em que era proposta a questão a que elle respondeu. Eram as seguintes: representava-se «que em algumas igrejas se tinha radicado o costume de, nas festas semiduplex, não dar aos sacerdotes, que se apresentassem para celebrar Missa, senão paramentos pretos». E advirta-se, alem destas tam elucidativas circunstancias da consulta, que a Sagr. Congregação se não contentou com dar a resposta acima citada, senão que a precedeu de importantes considerações. «Os Em.ºs e Rev.ºs Padres encarregados da manutenção dos sagrados Ritos, ponderadas maduramente todas as circunstancias, foram de parecer que de nenhum modo se pôde tolerar o abuso de que se trata na consulta... e ás dúvidas propostas decidiram responder: A' I. *Afirmativamente*, com tanto que aquella que deu a esmola não tenha determinado outra coisa». Donde claramente se infere que, não obstante o costume, que aliás é mau, o Sacerdote não pôde celebrar Missa de *Requiem* por vivos, senão quando se realizarem as duas condições: 1.º ser-lhe impossivel celebrá-la doutro modo; 2.º não ter indicação contrária da parte daquelle que pediu a Missa (Cf. *Ann. du Clergé*, anno de 1884, p. 461).

Em resumo, conclue Fournet: a celebração e petição de Missa de *Requiem* por vivos é um abuso intoleravel. A Missa então deve ser votiva ou do dia.

P. J. L. LEITE DE FARIA.

Os homens e o odio

Ha uma classe de homens que tem sido absolutamente excluida da inquisição que a sciencia tem feito na história. E' a classe dos santos, dos escriptores asceticos, dos mysticos orthodoxos. Quer o homem conhecer todas as riquezas humanas, e convem apprová-lo, estimulá-lo nesta pesquisa, que seria justa, se não fosse exclusiva; mas elle quer esquecer as riquezas divinas; e isto seria assombroso, se não nos fosse conhecido o segrêdo do odio. Em frente dos thesouros divinos que a Igreja possui e para que se não quer olhar, o odio, fazendo esforços sobre si mesmo, como para triumphar das últimas fraquezas de sua natureza, reveste o manto da indifferença, porque a indifferença é a obra-prima do odio. Entre os canonizados, entre os beatificados, entre os heroes da lingua e da acção christã, ha alguns que sam os maiores poetas do mundo.

Tentaram rir-se de beata An-

gela de Foligno; mas quando um escriptor daquelle que se escutam, a comparou a Dante e admirou nella o insigne poeta, os motejadores mais titulados tiveram alguma dificuldade em continuar as suas funcções. Preferiram fallar doutra coisa. Por que é pois, que os grandes homens da luz e do calor, os grandes homens da actividade, se as asas da pomba os tocaram de muito perto, sam exceptuados da curiosidade actual? Por que é que ao menos a titulo de grandes poetas não têm o seu logar no banquete da história e da litteratura?

E' que o instincto do odio avisa aquelles que odeiam, que ha nesses esquecidos alguma coisa superior a toda a superioridade, alguma coisa maior que a grandeza e mais divina que a musica. E' a presença nelles do sobrenatural christão que aos olhos da critica racionalista os collocou fóra da lei. Nunca o odio tem o olhar da aguia, mas quando cresce até a indifferença, tem o olhar de lynce: é de raça felina.

O odio reconhece os seus inimigos até de longe. Segue o mysticismo verdadeiro, assim como o cavallo segue o cheiro do leão. Segue-o como elle, sem reflectir, sem ver, por instincto; como elle se empina, como elle tem medo, e como elle escoucinha. Ha a verificar aqui uma maravilha importante. Trata-se dum falso mystico, dum illuminado heterodoxo? Num instante o odio olha para elle, reconhece-o por um dos seus e o adopta. Vem da terra da mentira, é seu compatriota. O mystico teu seu logar entre os amores do odio. Mas este amor previdente como o outro, nunca se engana com o verdadeiro mysticismo. Ha um bom livro a fazer, que seria intitulado: *História do odio*, e, neste livro, um bello capitulo: *O Odio é infallivel*. Não sam theologos os homens do odio.

Não aprenderam pela sciencia a distinguir o verdadeiro e o falso mystico. Mas o seu instincto substitue o estudo, o instincto da sua revolta conduz o seu amor para o transviado e a sua colera para o fiel. O transviado parece-lhes grande; o fiel parece-lhes louco. A curiosidade é uma das leis que regem a critica racionalista; mas esta lei quebra como vidro, quando se trata dum grande poeta muito christão. O odio passa sem olhar. Antes não quer ver as qualidades naturaes, que admiraria noutra parte. Com tanto que possa votar ao olvido as bellezas sobrenaturaes, fica contente, e por este preço tudo lhe agrada, até a ignorancia, que noutro logar detesta. A ignorancia em qualquer outra parte lhe desagrada e lhe causa vergonha. Elle coraria de ignorar, onde o homem só está em acção, o pomenor menos importante. Mas, tratando-se das operações divinas, o odio orgulha-se de ignorar e enfeita-se com a sua vergonha. Coraria de saber. Desvia a cabeça. Tudo o que noutra parte admiraria como poesia, aqui o repelle como fanatismo, e repelle-o sem

olhar, e a sua colera reveste as apparencias de desdem. Não é impossivel encontrar certos homens no seculo XIX, que quasi possuem a somma dos conhecimentos humanos. Mas de repente, emquanto fallam ou escrevem, vê-se apparecer nelles uma lacuna, um vacuo, um buraco.

E' que se estavam approximando das coisas divinas, e não sabiam os primeiros elementos desta sciencia. Parece sobrenatural a sua ignorancia, assim como o assumpto sobre que versa. Não é ignorancia pura, é cegueira. As suas luzes naturaes e geraes põem em relêvo esta cegueira particular. A' força de ser profunda, singular e posta em saliencia pelas luzes vizinhas, esta ignorancia obcecada manifesta um odio secreto que a principio se adivinha e que depois se vê e se comprehende. Ora este odio um pouco mais tarde é instructivo, tem o dom do discernimento mystico; se reconhece heresia, muda-se em amor e admira subitamente. E' que Deus não está ahí.

Se passa ao lado dum santo, torna-se colera e insulta subitamente. Presta homenagem a seu modo. Insulta: é que ahí está Deus.

Trad. de Ernest Hello por

P. A.

Carta do Porto

O informador que se baseia em boatos para alimentar a curiosidade innocente e por vezes necessaria de quem o ouvir ou ler, está sujeito a erros que por fórma alguma pôde evitar, logo que se imponha tal tarefa.

E' que as coisas não acontecem fatalmente, nem os homens têm o maior numero de seus actos sujeitos a uma lei invariavel e precisa, de fórma tal que o vaticinio futuro seja a expressão da verdade tal qual ella ha de vir a dar-se.

Dizia-se — e cremos que com muitissima razão — que o govêrno de Sua Magestade — que é tambem da Nação — tinha os seus dias contados. Tudo quanto pudesse aventar-se a seu respeito levava a crêr, e via-se até, que o seu organismo se desconjunctava successivamente e ninguem pensava em insufflar-lhe o sôro vital da existencia: tam periclitante e tam pesada era a sua vida.

Não abre o parlamento no primeiro de fevereiro quem o não pôde abrir no dia 2 de janeiro. Dizia-se isto em toda a parte. Se os negocios publicos estavam maus no principio do anno é logico que peores estejam algum tempo depois, se as difficuldades marcham num crescente assustador. E essas difficuldades todos as viam, todos as discutiam, todos as impunham, mesmo até aquelles que persistiam em não as ver ou em fazer que as não comprehendiam.

O certo é que, deccorrido pouco tempo, soube-se, mesmo sem se comprehender, que ou a logica

falhou, ou os factos seguiram um rumo desconhecido. Contra toda a expectativa o governo de Sua Magestade, tornamos a dizer, ali está fero ou feroz, não disposto a arrastar uma existência fastidiosa e pesada a si mesmo, senão uma vida farta, capaz de realizar um vasto programma muito abundante de tudo e com especialidade de illusões.

Que péso cairia no prato da balança governamental desequilibrada, que tanto fez nivelar os seus braços? Que vento sopraria contra esse castello de nuvens que ameaçava encobrir para sempre os rutilos astros da constellação que tem como centro a estrella da Rua dos Navegantes? Uma mulher! Ah! uma mulher é a vida ou a morte, é o anjo do bem ou a sombra do mal, é a luz que illumina as trevas ou a caligem que intercepta a mais poderosa luz!

Era de noite, diz-se—de noite será sombra para dar mais realce ao quadro?—estava frio, como só sabem estar as noites de janeiro. O governo estava tam enfermo que já tinha principiado a dispor a sua ultima vontade—fazer testamento. A pedra do olvido, encimada talvez por uma inscripção condemnatoria, que havia de cerrar para sempre as ultimas cinzas dum governo que não soube manter o seu prestigio, era mais repugnante do que a propria morte. Caia-se, morria-se até, mas haja quem lamente a queda, haja quem chore a morte. Mas cair ou morrer entre gargalhadas e risos escarinhos, gargalhadas e risos, não dum familia ou de meia duzia de inimigos, mas dum nação inteira, é labeu que não se tolera. E o governo tinha de cair e morrer para sempre envolto nesse sudario tetrico e repugnante.

Uma mulher—como Eva no Paraíso, ou como Maria em Belem?—recebe uma grande missão. Salvemos, salve-nos ella, se pôde, e a nossa gratidão será indelevel, exclama o governo, como se fôra um só homem. Essa mulher mysteriosa, essa mulher que tudo manda, essa mulher que tudo pôde, essa mulher que teve já quem lhe chamasse—levando em conta a sua actividade a sua encyclopedica politica D. Maria 3.ª, reveste-se dum coragem propria das heroínas e, de noite, dirige-se ao Paço Real e aguarda Sua Magestade que chega do theatro. Feitos os cumprimentos do estylo expô a razão da sua visita. O lance foi excessivamente grandioso, para que qualquer, que não seja grande personagem, não possa descrevelo. Crê-se que Jeremias não lamentou mais nem melhor as desgraças do seu povo do que esta heroína do sexo fragil, as do governo da sua protecção. E, o que é mais, não desalentava em presença das côres negras da noite, semelhante às do quadro que descrevia; a coragem tornou a phrase eloquente e persuasiva por forma tal que o milagre deu-se:

O governo não morreu como todos esperavam.

Uma coisa resta saber-se: é se a salvação duns será a morte doutros.

R. L.

SCIENCIA PARA TODOS

SUMMARY — A cura de tuberculose.— Descoberta do dr. Behring.— Os seus resultados praticos. — Predicção do fim do mundo.

Behring, medico austriaco e grande homem de sciencia, quando declarou perante o congresso de Paris que havia descoberto a existencia de um principio curativo da tuberculose, é porque as suas experiencias não o engana-

vam já sobre os resultados satisfatorios desse especifico.

Este medico é o mesmo que descobriu, conjunctamente com o dr. Roux, o remedio contra a diptheria e que apresentou ha quatro annos a bocco-vacina, com a qual se tem luctado victoriosamente contra a tuberculose dos bovidos.

Behring tem guardado silencio sobre o novo invento seu, mas isto emquanto não seja experimentado no Instituto Pasteur.

A proposito diz elle na communicação feita ao congresso de Paris:

«A minha convicção sobre a importancia capital deste processo tem sido confirmada desde ha quinze annos e em todo o mundo, de uma forma brilhante.

«Porém não conto com a confiança dos praticos antes de quatro annos de experiencias. E maior seria o tempo de espera, se não tivessem alguma fé nas minhas assersões scientificas. Assim aconteceu em Budapeste antes de que o meu grande amigo dr. Emilio Roux me acompanhasse na defesa do remedio para combater a diptheria.

«Quanto tempo decorrerá ainda para que a utilização do meu novo remedio contra a tuberculose receba a consagração pública que lhe dará a comprovação do seu valor pratico?»

Não sei. Muitos factores podem intervir nisto:—O meu gosto no trabalho, a minha actividade, a boa sorte, (e que ella me dê um companheiro de lucta do valor de Roux, que tenha a mesma força e o mesmo desinteresse ao abrigo de toda a suspeita); e neste caso espero que o proximo congresso, em agosto do anno de 1906, tomará nota dos importantes progressos realizados na lucta contra a tísica.»

Esta communicação é digna de applauso geral e merece ser consignada pelo muito que vem alliviar a humanidade. Mas quando os seus resultados praticos forem proclamados, já de pouco vêm a servir, porque o mundo acaba em 1907, isto é, no anno proximo. Assim o asseguram os prophetas americanos James e Charles, no *New York Herald*.

A catastrophe terá lugar por occasião dum mudança repentina do eixo da terra, uma torcedura como a de qualquer eixo! Mas não se atreva o leitor, não empallideça, por que os mesmos agoureiros affirmam que a mortandade não será geral, e por essa razão é *provavel* que, se nós não morreremos antes, escapemos todos dum tão horrorosa *carnificina*... e morramos só quando Deus quiser.

Podemos depois attingir a idade de Mathusalém, porque teremos então os generos alimenticios mais favoraveis de preço, por haver poucos consumidores, e mais puros, porque os falsificadores morreram com certeza, se não na catastrophe, ao menos de susto.

DR. ARCOS.

CURIOSIDADES

Em progresso. — Os senhores Pelles-vermelhas decidiram abandonar o caminho da guerra para entrar na via do progresso. Eiz aqui a nomenclatura dos objectos de luxo encontrados entre elles no curso do último recenseamento: 320 telephonios, 18 automoveis, 9 carros funebres de que se servem como carruagens de gala, 28 pianos e 60 orgãos. Mas ha mais. A estatística dos

divorcios está em alta entre as tribus. Contam-se 47 petições de divorcio por 2:000 habitantes, e esta cifra tem um augmento de 17 sobre a do anno precedente. Não cheira tudo isso a civilização?

Enxertias. — As enxertias de pelle humana tornam-se dum uso corrente na cirurgia. Põem-se orelhas a quem não as tem, comtanto que haja alguém que consinta em ceder-lhe uma das suas. Assim num dos ultimos annos um riquissimo americano comprava uma orelha a um pobre allemão e fazia-a collar no logar daquella que um accidente lhe tinha levado. E igualmente se remendam as palpebras. A Academia de medicina de Paris verificou o bom exito dum operação deste genero tentada pelo dr. Lagrange, de Bordeus. O padecente queimára a face por occasião dum accidente: tinham desaparecido completamente as palpebras do olho esquerdo. O habil cirurgião teve a ideia de lhe tirar do braço esquerdo a pelle necessaria á reparação do seu orgão. O braço foi fixado em contacto com a fronte por meio dum aparelho de gesso, depois do que duas finas tiras foram cortadas na pelle do braço e applicadas ao olho. A operação tinha dado um bom resultado.

Artelharia. — Os allemães põem grandes esperanças num engenho de artelharia, a torrinha transportavel para canhão de tiro rapido, de 37 e 53 millímetros. Inventada pelo major Schumann, a torrinha transportavel é destinada a armar posições organizadas em alguns dias por meio de entrincheiramentos de terra e de materias encontrados no sitio. Compôe-se dum cylindro de folha fechada na parte superior por uma prancha metallica e sobrepujado dum capuz espherico de aço, de 40 milímetros de espessura, reforçado dum anel de ferro forjado. O tecto tem uma abertura por onde aponta o canhão. O engenho tem 1,56 de diametro, 1,75 de altura e pesa 3:600 kilos. Tomam logar no interior 3 homens, dos quaes um artelheiro e dois serventes; têm á sua disposição 160 tiros de 37, ou 130 de 53 millímetros. A torrinha é levada á sua posição de tiro num vehiculo de duas rodas, tirado a seis cavallos. Mergulha-se num massiço de terra ou de cimento de antemão preparado, de maneira que só o tecto e o cano da peça excedem este rapapeito. Os allemães preparam em volta de Metz, em grande número de posições dos Vosgos, boas quantidades de logares para torrinhas Schumann.

Novas machinas fallantes "PATHÉ,"

Em casa do sr. JOÃO GUALDINO encontram-se á venda os melhores phonographos conhecidos da Casa PATHÉ.

Sam as machinas mais aperfeiçoadas e que imitam com mais semelhança e nitidez as vozes e as notas musicas.

Para este aparelho tem milhares de cylindros que se vendem aos preços de 450 e 750 reis.

As machinas custam 6\$500, 15\$000, 80\$000 reis, etc.

NOTICIARIO

Contribuições. — Foi prorogado até ao fim do corrente mês de fevereiro o prazo para pagamento voluntario das contribuições geraes do estado. Aviso aos contribuintes.

Camara Municipal.

—Na sessão ordinaria de 17 do corente, depois de lidas e approvadas as actas da sessões anteriores, procedeu-se á leitura dos seguintes

Officios:

Do sr. Escrivão de Fazenda, deste concelho, sob n.º 13, com data de 16 do mês corrente, pedindo uma relação de todos os emphyteutas de fóros impostos no montado de Pogeiros e Sanguidos, sito na freguesia de Rendufe, com designação da medição do terreno e importancia do fóro de cada um e bem assim para que, nos termos do art.º 43 das instrucções de 25 de novembro de 1869, nomeie os louvados para procederem á necessaria avaliação; inteirada, nomeando para louvado pela sua parte a Albino José da Silva Guimarães, casado, proprietario, morador na rua de Francisco Agra, desta cidade, e ainda para a sorte ser designado para desempate ao cidadão José Caetano de Freitas Ribeiro, solteiro, proprietario, de Santa Eufemia de Prazius.

Da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses, com data de 30 do mês proximo findo, chamando a attenção da Camara para quantos monumentos historicos e archeologicos existem no territorio deste municipio, a quem corre o dever de procurar manter livres da ruina e do abandono, e solicitando uma nota indicativa de quaes os pelourinhos, cruzeiros e outros quaesquer monumentos historicos que existam neste concelho; inteirada, mandando satisfazer o pedido.

Requerimentos:

Da Irmandade de S. Sebastião, erecta na igreja de S. Damaso, desta cidade, pedindo licença para collocar mastros com bandeiras e bem assim um palanque ou corêto, na rua de S. Damaso e Praça de D. Aphonso Henriques, nos dias 20 e 21 do corrente; concedida, sem prejuizo do transito publico e com a obrigação de repôr tudo no antigo estado.

De Adriano da Silva, casado, cabo de cantoneiros, desta cidade, que, tendo ajustado com D. Maria da Conceição de Castro Guimarães, a compra dum jazigo que esta possui no Cemiterio da Athouguia, pede auctorização para effectuar o necessario contracto; visto o parecer dado pelo sr. vereador do pelouro do cemiterio, indefere o pedido, por maioria.

Foram lidas as participações das occorrencias havidas na luz publica da cidade, durante as noites dos dias dez do mês corrente até hoje, das quaes a Camara ficou inteirada. Pelo sr. vereador dr. Marques, foi feita a seguinte proposta:

«Proponho, em additamento ás propostas apresentadas na sessão anterior pelo senhor presidente relativamente á contracção de empréstimos, que seja eliminada das alludidas propostas a construcção das ruas lateraes da Praça do Mercado, desta cidade, orçada na quantia de 1:192\$000 reis, por poder ser feita pelas forças da receita ordinaria municipal.

Que o empréstimo da quantia de 84:500\$000 reis se eleve á de

92:500\$000 reis, ficando a differença que é de 8:000\$000, e com aquella quantia 1:192\$000 prefaz a totalidade de 9:192\$000 reis destinados á construcção do prolongamento da rua de Payo Galvão, obra esta votada e approvada pela Camara no anno de 1902. Com consequencia, propôe mais que se eleve a annuidade para pagamento de juros e amortização votada na sessão transacta, a reis 6:022\$000 reis quantia que é comportada pela quinta parte da receita media do municipio, restando ainda um excedente para occorrer a qualquer encargo urgente da Camara, elevando-se portanto a totalidade dos dous empréstimos á quantia de reis 138:000\$000.

A Camara approvou por unanimidade esta proposta e mandou que se seguissem os ultiores termos, para o fim de representar ao Governo de Sua Magestade solicitando a promulgação dos decretos para a emissão dos empréstimos alludidos.

Pelo Secretario foi dispensado o prazo legal para a feitura da presente minuta, pelo que foi interrompida a sessão pelo tempo de meia hora para a sua elaboração, e, decorrido este tempo, pelo sr. presidente foi declarada novamente aberta a sessão com a assistencia dos mesmos snrs. vereadores.

Lida pelo Secretario a presente minuta foi pela Camara approvada.

Consortio. — No penultimo sabbado, na igreja de Fafe, realizou-se o casamento do sr. Zeferino Novaes da Cunha, filho do sr. José Joaquim Novaes da Cunha, de Moreira de Rey, daquelle concelho, com a ex.^{ma} sr.^a D. Joaquina da Conceição Bastos, sympathica e prendada filha do nosso amigo sr. Manuel Joaquim de Bastos, importante proprietario de Bouças, freguesia de Fafe.

Ao solemne acto serviram de padrinhos os paes dos noivos, sendo a benção nupcial lançada pelo rev. João Joaquim Gonçalves, abbade daquelle villa.

Após o acto pôs-se o prestito em movimento, com grande numero de trens, em direcção a freguesia de Moreira, para casa do noivo, onde se realizou um grande banquete, assistindo a elle as respectivas familias e crescido numero de convidados.

Ao vinho fino foram levantados entusiasticos brindes aos noivos, aos seus bondosos paes, e, finalmente, ás suas familias.

Estes brindes, que foram delirantemente correspondidos, foram levantados respectivamente pelo rev. abbade de Moreira, amigo intimo do noivo, e pelo rev.^o abbade de Fafe, José da Silva e Castro e José Carneiro.

Entre os convidados contavam-se os snrs: Dr. Florencio Monteiro V. de Castro, João Pinto Bastos e ex.^{mas} filhas, Francisco José de Bastos e sua ex.^{ma} irmã, Manoel Pinto Pereira Junior, Antonio G. Lage, Julio Baptista Teixeira, de Moreira, José Martins e Castro, Candido da Cunha Soares, Adolpho C. de Medeiros, José de Oliveira e filha, de Cepães, Antonio de Castro e esposa, de Golães, Albano da Costa Bastos e José Joaquim de Bastos, de Santa Christina, rev.^o rejtor de Moreira, abbade de Fafe, José da Silva e Castro e José Carneiro.

Aos venturosos noivos appetecemos um futuro ridente e cheio de mil venturas, como sam dignos pelos seus aprimorados dotes de coração e bondade de alma.

A Restauração

Associação de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Reino.—Recebemos a seguinte circular, para a qual chamamos a atenção dos catholicos:

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.—E' bem conhecido de Portugal inteiro o projecto de levantar a nossa celeste Padroeira um monumento nacional, que, além de commemorar o quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição, seja conjuntamente um preito de amor e gratidão pelos beneficios recebidos e um penhor de novas bençãos e mercês futuras. Esta ideia brotou espontanea da alma portugueza no meio do fervor e entusiasmo com que se celebraram as festas jubilaes.

Vai passado um anno depois que na presença de Sua Magestade a Rainha regente, de todo o ministerio, e dos dignitarios da Corte foi benzida por S. Em.^a o Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa e lançada a primeira pedra desse templo-monumento. Abriram-se os alicerces e começaram as obras com os subsídios então generosa e espontaneamente offerecidos.

Como se trata de uma obra verdadeiramente nacional é necessario que a nação inteira concorra com o seu obulo para attrahir as bençãos do ceu sobre todos e dar um testemunho mais eloquente da sua fé e da sua devoção a Maria Santissima. Se o monumento fosse levantado só pelas esmolas de algumas pessoas generosas, não se lhe poderia chamar «nacional» nem seria a expressão real e exacta da devoção da nação inteira a sua bemditissima Padroeira. E' preferivel, por isso, que, embora a custa de maior trabalho e sacrificio o monumento seja levantado com o esforço e cooperação de todos, tanto com a esmola avultada do rico como com o obulo não menos precioso e significativo do pobrezinho. E é exactamente esse sacrificio de todos que Deus mais quer e abençoa e a Virgem Santissima mais aprecia e recompensa.

Organizou-se por isso uma subscrição geral para se levar a todas as cidades, villas, aldeias, logares e casas de Portugal e tam diminuta e tam facil que até os mendigos da rua possam inscrever-se nella sem dificuldade, porque o seu minimo é apenas de 10 reis por semestre. A commissão abaixo assignada sabe de antemão que ninguem se recusará a dar 10 reis por semestre ou um vintem por anno à Santissima Virgem por cujas mãos passam todas as graças que recebemos de Deus. A dificuldade está na cobrança; mas esse trabalho e esse tributo de amor à Santissima Virgem espera devê-lo a commissão a v. s.^a rev.^{ma}, porque nunca se recusa o que se pede para a glorificação de Maria Immaculada, a nossa Augusta Padroeira.

Os Ex.^{mos} Prelados do reino já approvaram e abençoaram esta subscrição. O Nuncio de S. Santidade enriqueceu-a de indulgencias, como as listas declaram, e agora só resta que v. s.^a a annuncie ao povo e a recomende às almas que lhe estão confiadas, mostrando assim a sua encendrada devoção para com a Mãe de Deus e dos homens, não menos que o seu patriotismo, para com a mãe-patria.

Para evitar extravios e haver ordem, as listas vam numeradas, e por isso deveram os revs. Párochos ou directores locais do Apostolado tomar nota dos numeros que distribuem aos zeladores ou collectores, para que deste modo se saiba a quem se ham de pedir e quem é responsavel pelo respectivo producto.

Preenchidas as listas, espera a commissão dever a v. s.^a a caridade

de as devolver com o respectivo producto, como nellas se indica, podendo deduzir, das esmolas recebidas, as despesas feitas com a expedição ou remessa. O modo mais seguro, facil e economico é por meio de vale de correio.

Nesta obra nacional estão empenhados os interesses da religião e a honra da patria e por isso a commissão muito confia no zelo de v. s.^a rev.^{ma}.

Lisboa, 3 de dezembro de 1905.
José, Cardeal Patriarcha, José, Arcebispo de Mitylene, D. Catharina de Sousa Coutinho, condessa de Sabugosa e de Murça, condessa da Ribeira Grande (D. Maria da Pureza), D. Leocadia de Sant'Anna e Vasconcellos, D. Maria Joaquina de Saldanha da Gama, marquezia de Rio Maior, viscondessa de Carvalho, Padre Antonio Pinto dos Reis, Padre Antonio Marques de Sousa Ramalho, Monsenhor Conego Carlos A. Martins do Rego, Frederico Pereira Palha, Jorge O'Neill, D. Miguel Vaz de Almada, visconde de S. Bartholomeu de Messines, visconde de Santarem e Zepherino Brandão.

Objectos suissos, de muita utilidade e bom gosto, proprios para brindes, só se encontram na Typographia Minerva Vimaranesense, rua de Payo Galvão—Guimarães.

Lembrança da 1.^a communhão—Na Typographia Minerva Vimaranesense, á rua de Payo Galvão, encontram-se á venda lindas estampas coloridas, proprias para lembranças da primeira communhão não só para meninas, como também para meninos.

As mais pequenas, que medem 0^m,07 x 0^m,12, vendem-se avulso ao preço de 20 reis.

Tambem ha estampas para registos, com diversos imagens, que se vendem por preços muito razoaveis.

Quando as encomendas sejam avultadas fazem-se preços muito economicos.

Uma esmola.—Implora-se a caridade dos nossos leitores em favor do infeliz tisco João Seraphim da Silva, casado, morador na rua de Santa Cruz, 103, que se acha rodeado de familia e na maior miseria.

Sellos para collecções

Pacotes de 50 variedades para 20 reis cada.

Pacotes de 100 variedades, entre os quaes se contam bellos exemplares antigos e modernos das nações americanas e asiaticas, para os preços de 50, 100, 200, 500, 1\$000 e 2\$000 reis cada pacote.

Pacotes de 500 variedades para 5\$000 reis cada, contendo bellos e vallosos sellos.

Vende CANDIDO GOMES, residente nos Arcos de Val de Vez.

Todas as encomendas superiores a 500 reis remetem-se francas de porte.

O pagamento em sellos de 25 reis ou vale.

Bilhetes postaes, illustrados com o retrato do Santo Padre Pio X e vista do palacio e praça do Vaticano, Impressão lithographica a tres tintas, em cartão *couché*, a 10 reis cada um.

Ditos com vistas de Vizella, uma das mais importantes estancias thermaes de Portugal, trabalho nacional e portanto preferivel ao estrangeiro, impressão a preto, nitida e cuidada, em optimo cartão *couché*, com photogravuras de Marques Abreu & C.^a, do Porto, a 20 reis cada um. Por collecção, que consta de 10 exemplares com 13 vistas escolhidas, tem 20 por cento de desconto.

Vendem-se na Typographia Minerva Vimaranesense, rua de Payo Galvão.

Remetem-se pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas e mais 5 reis para porte por cada cinco exemplares.

LITTERATURA

Um conto azul-celeste

(Imitação de *Un Ange de Charité*, de Tourelles)

—Ora ahi estão vocês a sorrir e a murmurar, e eu muito bem comprehendendo porque surriem e murmuram, mas não me agasto. Riem e murmuram porque me vêm beber leite do meu cabaz e não aguardante como queriam que eu bebesse... pois bebam vocês. Ora vejam lá: quando eu andava com vocês pelas tabernas, sei lá! não murmuravam; gostavam e bebiam á minha custa. Pois olhem: então eu não tinha saude; faltava ao trabalho, e a *féria* não me durava dous dias; a mulher lá se havia com os filhos a pedirem pão; em casa só havia fome e frio... Mas desde que deixei de beber, depois que deixei de *matar-o-bicho*, e bebo leite, já ha pão em casa, já tenho mais saude, já trabalho com mais gosto, a *féria* chega-me para toda a semana. Riam-se vocês porque eu trago leite no meu cabaz... riam-se e murmuram como quiserem que eu não volto atrás.

—Como é que mudaste assim? Grande borracheira no Natal enjoou-te do vinho...

—Eu vos conto. Ahi por fins de Novembro, chovia a cantaros: foi tal a bebedeira, que uma noite foi minha mulher buscar-me por baixo de uma chuva torrencial á taberna. Vós vos haveis de lembrar, se não estaveis também bebados como eu. Coitada! levou-me como pôde, quasi a rastos. Chegamos a casa, que é um sotão ali á rua XX, e lá me arrastou conforme pôde, até metter-me na cama, e lá foi ella pôr-se á fogueira do lar para enxugar a roupa do corpo que outra não tinha para mudar. Os filhos gritavam com fome e eu me pus a praguejar até que peguei no somno.

—E depois?

—Depois? Accordei pela manhã e com espanto vi que a mulher, coitada! não accendêra o lume e jazia ali para um canto entre os dous filhos que dormiam. Cheguei-me a ella, apalpei-a... ardia em febre! Mau! disse eu comigo: Estou arranjado! a desgraçada está com uma pneumonia e eu sem vintem... Nisto a creançada desata numa inferneira de choro:—tenho fome! pai, eu quero pão!... Dou meia volta á direita e pus-me na rua com o desespero no coração e a maluquice na cabeça: estava perdido...

—E depois?

—E depois? Depois é que não voltei a casa... olha que nem me atrevia a passar á porta. Chega o Natal. Todo o mundo prepara a sua consoadá; como haveria eu de preparar a minha? Atirei-me a trabalhar e não beber, uns dias; ajuntei uns cobrezitos, e assim animado... pois te digo: o dinheiro bem ganhado dá coragem á gente... Pus-me a caminho...

—Foste para tua casa?...

—Espera: passei pelo *bordel*, não entrei; não dei ouvidos aos companheiros que me chamavam á taberna, e fui comprar um bacalhau, pão, figos e azeite. Depois seguí caminho de casa; subi a escada até ao terceiro andar, empurrei de mansinho a porta. Quasi não se via: havia pouca luz para quem vem da rua. Firme bem a vista e... fico embasbacado! Já não era aquelle o meu quarto!... Tudo limpo, tudo arrumado em muita boa ordem; na cama, com os lençoes muito brancos, um vulto de touca tam branca na cabeça, como os lençoes, e aos pés da cama duas crianças muito lavadinhas e muito bem penteadas a olharem-me estupefactas!

—Queira desculpar-me, enganei-me com a porta—disse eu e propunha-me a retirar-me quando uma voz meiga e pausada me diz:

—Entre, Sr. Luis! Está em sua casa. Sua mulher não morreu, nem os filhinhos passaram muita fome. Entre!...

Entrei vendido e perplexo. Se a vergonha matasse, não vos estava eu agora a contar esta história. Não morri de vergonha, mas também não disse uma palavra... Ah! amigos! o silencio é muitas vezes o pudor com que se abysmam os desgraçados... e eu era um desgraçado...

—Chega-te para aqui, meu Luis! Eu e teus filhinhos temos tido saudades tuas e não cessamos de pedir a Deus por ti—assim me fallou ella... ella... a martyr... Não me accusem de não dizer «minha mulher», eu não quisera profanar este nome... ella continuou:

—Estou salva, graças a Deus; e depois de Deus, graças a essa boa Irmã!—Que Irmã! Olhei em torno e lobriguei lá ao outro lado da cama um vulto. Reparei e vi que era uma humilde religiosa, de pequena estatura, magra, macilenta, mas sorrindo angelicamente. Cumprimentei-a, quis dizer alguma coisa, mas não tinha umidade na gargante nem liberdade na lingua. Ella comprehendeu o meu embaraço e atalhou dizendo-me:

—Esteve bem doentinha, porém hoje já vai levantar-se; ha tres dias que não tem febre. Agora é mister dar muitos louvores a Nosso Senhor.

—Senhora... eu sou um hereje... —ia eu dizendo, e ella me interrompeu:

—Está bem, está bem: mais tarde me dirá isso; agora venha sentar-se aqui junto de sua mulher e comer este caldinho que sobrou do dos seus filhos. Elles já estão com a barriguinha cheia agora encha o sr. Luiz a sua.

—Entre no caldo com feijões como os Japoneses em Porto Arthur; e ao mesmo tempo que comia, analysava a ordem e aceio em que encontrei o nosso aposento. Os meus dous filhinhos agarravam-se ao vestido da boa Irmã e pareciam mais amigos della que meus e da mãe, e notei que um e outro tinham na mão uma fatia de pão com marmelada que já comiam por desfastio.

—Quem é este?—perguntava minha filha Rosinha á boa Irmã, pegando-lhe no Crucifixo do rosario que trazia pendente da cintura.

—E' Jesus que tanto soffreu por nós, e por nós morreu... E' preciso que o ames muito, de todo o teu coração...

—E o que é preciso fazer para amá-lo muito?

—Dar tudo por elle, até a vida, se necessario fór...

Rosinha reflectiu um pouco fitando o Crucifixo, e encostando-o á fatia de pão, disse:

—Jesus, prova um bocadinho!... Já se vê, pusemo-nos todos a rir; depois a religiosa, levantando-se, disse:

—Sam onze horas e meia, é tempo de me ir. Fica tudo em ordem—e voltando-se para a doente:

—Pode levantar-se e espero que seu marido lhe não dará occasião de recair; não é, sr. Luis?

—Oh! não! não! Hei de ser bom para minha mulher e meus filhos; e quanto á senhora, serei sempre muitissimo agradecido.

—Pois bem: para que possa cumprir essas promessas, é preciso que trate de sua saude que anda muito alterada e os annos já lhe pesam. Quanto a mim, ficarei satisfeita e acreitarei nos seus agradecimentos se me prometter e cumprir o que lhe vou aconselhar.

—Oh, se cumprir! prometto.

—Para não continuar a estragar a sua saude e para viver bem com sua boa mulher e filhinhos, ha de deixar de beber nas tabernas, trocar a bebida de alcool pelo leite que lhe ha de restituir a saude. Olhe: em vez de encher o seu cabaz de aguardente, quando vai para o trabalho, encha-o de leite, e verá que terá mais saude, mais alegria e até mais dinheiro.

—Pois prometto... juro...

—Não jura, nem isso é preciso; mas cumpria.

—Hei de cumprir... prometto-lhe, sr.^a.

—Pois bem: depois de amanhã é o grande dia de Natal. A familia christã, nesse dia, não deixa de o assignalar com uma festinha de familia; por isso, se o sr. Luis me der licença, voltarei para visitá-lo.

—Oh, minha boa Irmã! Venha, venha consoar connosco! Olhe, trouxe aqui um bacalhau e uns figuinhos para a ceia.

—Pois bem—me respondeu ella—virei vê-los á tarde, e então ha de renovar-me a sua promessa.

—E voltou. Renovei-lhe a promessa e tenho-a cumprido como um homem de bem. Agora riam-se vocês, mas aposto que não tiveram Natal mais alegre que eu bebendo leite e vocês vinho e aguardante. Acabou-se a história. O ceu, para mim, já não é vermelho como um mar de sangue; agora vejo o ceu de um puro azul celeste.

Riam-se! motejem! murmurem!... Tenho pena de vocês...

NOTA—Esta história traça o ideal que os Confrades de S. Vicente de Paulo devem ter na visita aos seus pobres no domicilio, procurando sollicitamente moraliza-los e convertê-los, pois é este o espirito da grande Sociedade de S. Vicente de Paulo, hoje ramificada por todo o mundo pelas suas legítimas Conferencias.

1906.

Delphim Maria.

ANNUNCIOS

Os Centros Nacionaes
PELO
DOM FRIOR
Manoel d'Albuquerque
Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.
Preço 300 reis.

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto—Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram também satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da edade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.^a, rua do Almada, 119 a 123—Porto.

SERMÕES

do Veneravel Padre **SEGNERI**, da Companhia de Jesus

(O Cicero christão)

Seguidos de observações criticas pelo reverendo **JUAN MARIA SOLÁ**
da mesma Companhia

Traduzidos em português pelo Presbytero

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontifice", e redactor da "Revista Catholica."

A Empresa da *Revista Catholica*, de Vizeu, no intuito de fornecer aos reverendos sacerdotes e parochos o melhor e mais puro modelo de oratoria sagrada, principiou a publicar os monumentaes **Sermões** do grande orador sagrado, o Veneravel PADRE **SEGNERI**, da Companhia de Jesus.

O titulo glorioso de *Cicero christão* com que o Veneravel Padre e zelosissimo missionario apostolico italiano é conhecido em todo o mundo sabio, só por si, sam a mais alta recommendação da obra que vai sair a lume.

Para se avaliar a sua importancia e necessidade, vamos transcrever do Prologo o testemunho auctorizado de Guilherme Audisio, presidente da Academia de Soperga, em Turim, e mais tarde conego de S. Pedro no Vaticano e lente de direito da Universidade da Sapiencia em Roma, que deixou escripto nas suas formosas *Lições de Eloquência Sagrada* que dedicou ao immortal Pontifice Pio IX:

"Segneri, o grande Segneri, nascido em Nettuno (provincia romana) em 1624, grande pela natureza e tornado ainda maior pelo estudo que fez, incansavelmente, nos modelos de toda a litteratura classica italiana, tomou sobre si o honroso encargo, lutando contra uma nação inteira, de despertar o genio oratorio de Cicero. Começou por lançar fóra da eloquência sagrada os ornatos profanos, as metaphoras empoladas, e os caprichos que a ignorancia dos seculos precedentes tinha introduzido, e o mau gosto daquelle tempo tinha desmedidamente augmentado.

"Pós-se a tratar, não assumptos paradoxaes, de que, como diz Roberti, ao menos uma quarta parte era falso, onde o orador se via em sérios embaraços para reduzi-los a um sentido verdadeiro e catholico; não proposições esquisitas, que não visavam a instruir, mas a impôr-se pela novidade: mas sim verdades christãs, e não só christãs mas práticas; demonstrando-as quasi sempre com a auctoridade das Sagradas Escripturas e dos Padres, com o sentimento e com a razão.

"Depois de assim escolhida entre as verdades mais uteis e solidas a sua proposição, que enuncia com força e lucidez, desce á disposição das provas.

"E nenhum outro orador, quer sagrado quer profano, jámais as dispôs com magisterio mais subtil de sabedoria, encadeando-as entre si, apertando o ouvinte com vinculos tam fortes, que lhe tornava a um tempo necessario e doce o render-se.

"E tanto no convencer como na promoção dos affectos, é sempre e em toda a parte, a par de Demosthene, o orador popular.

"Como sabe encarnar e colorir as provas, servindo-se de imagens!

"Como a attenção, que facilmente cairia enfraquecida e extincta na aridez do raciocinio, é por elle avivada, já com a belleza das narrações, já com um dialogo franco e natural, que não abandonando a si mesmo os ouvintes conciliava para o discurso a vivacidade e o deleite de conversação animada!

"Como o seu estylo é nobre e elegante, energico e forte!

"Cada palavra sua, escreve Andres, é a mais apropriada, cada phrase a mais expressiva, cada periodo o mais justamente medido, as expressões significativas e opportunas, as figuras bem manejadas, e todas as luzes da dicção empregadas com maestria e facilidade.

"Se faz uma narração, pinta-a com as côres mais naturaes e verdadeiras; se move um affecto, estimula-o com a força mais viva e ardente; se quer amplificar um sentimento, apresenta-o com maior luz, e com dignidade mais nobre; e o seu estylo brilha com os ornatos duma fecundia natural, sem os vicios desmedidos duma affectação estudada.."

E basta de citação para se ajuizar do que é esta obra.
A seguir serão também publicados os

SERMÕES ABREVIADOS para todos os domingos do anno

POR

Santo Affonso Maria de Ligorio

Condições da assignatura

A obra é distribuida em fasciculos de cinco folhas magnificamente impressas em optimo papel, de formato 8.º grande.

Cada fasciculo custará apenas 160 reis, que serão pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia receberão os fasciculos pelo correio sem augmento de preço, e pagarão de cinco em cinco fasciculos, para o que lhes serão enviados pelas respectivas estações postaes os competentes recibos. A distribuição será feita com a maxima regularidade.

Tem direito a um exemplar quem angariar dez assignaturas e se responsabilizar pelo seu pagamento.

A empresa aceita correspondentes em todas as terras onde os não tem, dando referencias naquella cidade.

ANNUARIO DO DISTRICTO DE BRAGA

Commercial, industrial, agricola, burocratico, biographico, descriptivo e chorographico

para 1906

DIRIGIDO POR LAURINDO COSTA

EDIÇÃO ILLUSTRADA

Acaba de ser posto á venda este valioso elucidario que traz informação segura de todos os concelhos do districto de Braga, pelo que se torna uma obra altamente indispensavel a todas as repartições publicas, casas de commercio, fabricas, estabelecimentos bancarios, e a advogados, medicos, pharmaceuticos, proprietarios e agricultores, em edição muito primorosa, e illustrada com retratos e biographias de filhos de Braga, que pelo seu talento se têm distinguido, em carreiras litterarias, scientificas e artisticas.

Um grosso volume de cerca de 500 paginas, impresso em bom papel, 500 reis, pelo correio 550 reis.

Empresa editora de *A Folha do Minho*, rua Rodrigues de Carvalho, 46, 1.º—Braga.

Em Guimarães—Livraria Freitas.

Pauvert

O Valle das Lagrimas

Necessidades, fontes e fructos da tristeza sobrenatural

VERSÃO DE

Antonio Figueirinhas

Obra approvada pelo Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

"*O Valle das Lagrimas* é um asombro de sentimento christão, a mais bella e fortificante apothéose dessa gota-estrella, divinizada por todos os poetas religiosos e chamada com eufonia — a lagrimas.

Preço, franco de porte, em brochura — 200 reis. Encadernação de luxo — 300 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior — Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

HISTORIA SAGRADA

DO

ANTIGO E NOVO TESTAMENTO

(Vida de Jesus-Christo e dos primeiros apóstolos) acompanhada de 30 gravuras e de dois mapps e um plano de Jerusalem

PELA

«ESTRELLA DO NORTE»

Com approvação do Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preço, brochada—160 reis. Cartonada—200 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras, 75 — Porto.

SYNOPSIS

DA

THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—COIMBRA.

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dis persas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que acceitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranesense

Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portuguesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes. Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas

POR

Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e Indulgenciada

pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina	300 reis
Em carneira com folhas-douradas	500 »
Em chagrín-douradas	1\$000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca**, RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos**.